

# PROJETO PROPAGANDA<sup>i</sup>: O USO DO SOFTWARE SCRIBUS PARA A CRIAÇÃO DE CARTAZES

Simone da Costa Lima<sup>\*</sup>  
Raquel Cristina de Souza e Souza<sup>\*\*</sup>

## Resumo

Este trabalho relata uma experiência realizada com seis turmas de 7º ano do Ensino Fundamental do *Campus* Realengo II do Colégio Pedro II no ano de 2011. A partir de uma parceria entre a Informática Educativa e a disciplina de Língua Portuguesa, os alunos produziram cartazes a serem afixados em diferentes dependências do espaço escolar, com o objetivo de estimular comportamentos mais adequados ao convívio social. Em um primeiro momento, sob a supervisão dos professores de Língua Portuguesa, os alunos, organizados em grupos, elaboraram os elementos textuais que iriam compor os cartazes. Foram formados seis grupos referentes às seis dependências do *campus* a receberem os cartazes: biblioteca, sala de aula, banheiro masculino, banheiro feminino e laboratório de informática. Durante a elaboração dos cartazes, os alunos foram orientados com relação às características do gênero textual propaganda – cartaz – com enfoque no uso do modo imperativo. Em um segundo momento, cada aluno deveria criar um cartaz aliando ao texto já criado pelo seu grupo, uma solução individual de *design* gráfico. Para a elaboração dos cartazes, foi utilizado o editor de publicação *open source* Scribus. Ao produzirem textos de um mesmo gênero – cartaz – para diferentes suportes – manuscrito (e/ou impresso) e digital –, os alunos tiveram a oportunidade de refletir acerca das adaptações textuais necessárias durante a migração de um suporte para o outro. Além disso, a divulgação dos cartazes permitiu que os textos dos alunos circulassem socialmente e cumprissem, assim, seu propósito comunicativo.

Palavras-chave: TDICs. Gêneros do discurso. Multiletramentos.

## Apresentação

O presente texto é o relato de um projeto realizado no ano de 2011 com turmas de 7º ano em uma escola pública de Educação Básica. O objetivo foi propor aos alunos a criação de cartazes a serem afixados em diferentes dependências do espaço escolar, com o intuito de estimular comportamentos mais adequados ao convívio social.

Em um primeiro momento, sob a supervisão dos professores de Língua Portuguesa, os alunos, organizados em grupos, elaboraram os elementos textuais que iriam compor os cartazes. Foram formados seis grupos referentes às seis dependências

---

<sup>\*</sup>Bacharele licenciada em Letras (Português-Inglês), Mestre e doutora em Linguística Aplicada, Professora de Informática Educativa do Colégio Pedro II - *Campus* Realengo II, [sclmorgado@gmail.com](mailto:sclmorgado@gmail.com).

<sup>\*\*</sup>Bacharel e licenciada em Letras (Português-Inglês), Mestre e doutora em Literatura Brasileira, Professora de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II - *Campus* Realengo II, [raquelcsm@gmail.com](mailto:raquelcsm@gmail.com).

do *campusa* receberem os cartazes: biblioteca, sala de aula, banheiro masculino, banheiro feminino, laboratório de informática e refeitório. Durante a elaboração dos cartazes, os alunos foram orientados com relação às características do gênero textual propaganda – cartaz – estudadas em etapa anterior, com enfoque no uso do modo imperativo, nas estratégias de argumentação e na caracterização do público-alvo. Em um segundo momento, cada aluno deveria criar um cartaz aliando ao texto já criado pelo seu grupo uma solução de design gráfico. Para a elaboração dos cartazes foi utilizado o editor de publicação de código aberto **Scribus**.

O projeto surgiu de uma demanda apresentada pelas professoras de Língua Portuguesa com relação à necessidade de criação de cartazes em formato digital para que a produção dos alunos alcançasse seus objetivos comunicativos. A equipe de Informática Educativa, em contrapartida, apresentou como proposta de trabalho a utilização do programa **Scribus**.

Para que o projeto pudesse se concretizar, foi necessária uma constante articulação entre as atividades realizadas em sala de aula, sob a mediação das professoras de Língua portuguesa e as atividades realizadas no laboratório de informática, sob a mediação dos professores de Informática Educativa. É importante ressaltar que a maioria das interações ocorridas entre os professores participantes do projeto aconteceu via correio eletrônico. Inicialmente não nos conhecíamos presencialmente.

### **Caracterização da Escola**

O projeto foi realizado na Unidade<sup>1</sup> Realengo II do Colégio Pedro II, instituição federal de Educação Básica. A unidade atende aos anos finais do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio, tendo em média seis turmas por ano de escolaridade. Trabalham na instituição docentes contratados e efetivos. Os professores contratados são admitidos por meio de processo seletivo e os efetivos, por meio de concurso público. A maioria dos docentes tem carga horária semanal de quarenta horas e cumpre em média 60% dessa carga com turma e o restante com reuniões de planejamento, produção de material didático, projetos etc. Quase 50% dos docentes da instituição são mestres ou doutores. O corpo discente é formado tanto por alunos oriundos da rede pública quanto particular,

---

<sup>1</sup> Na época em que o projeto foi realizado, designava-se “Unidade Escolar” cada *campus* do Colégio Pedro II. A mudança na designação ocorreu a partir de 2013, com a equiparação da instituição aos Institutos Federais de Educação.

já que o ingresso acontece por meio de concurso público, com sistema de cotas no 6º ano do Fundamental e no 1º ano do Ensino Médio para alunos da rede pública. Em unidades com turmas de anos iniciais do Fundamental, o ingresso acontece por meio de sorteio no 1º ano. Em função disso, a unidade de Realengo II tem um pequeno grupo de alunos transferidos de outras unidades que ingressaram na instituição no início do Fundamental. O projeto aqui apresentado foi realizado com seis turmas de 7º ano, na faixa etária de 11 e 12 anos; cada turma conta com uma média de 32 alunos. A maioria dos alunos é de classe média. Participaram do projeto, além das duas professoras que redigem o presente relato, mais outros dois docentes: uma professora de Língua Portuguesa e um professor de Informática Educativa.

### **Fundamentação teórica**

Este projeto está balizado nos estudos enunciativos da linguagem. Assim, a concepção que norteia nosso trabalho é a de **linguagem** como forma de interação, ou seja, como ação intersubjetiva em que os interlocutores procuram atuar um sobre o outro, produzindo colaborativamente os efeitos de sentido em dada situação comunicativa e em um contexto sócio-histórico-ideológico determinado.

A **língua** é um repositório de elementos estruturais de que os interlocutores dispõem para materializar suas intenções comunicativas. Dessa forma, é o aspecto pragmático (as manifestações linguísticas produzidas por indivíduos concretos, em situações concretas, sob determinadas condições de produção) que determina a estrutura superficial do enunciado (os itens lexicais, os conectores sequenciais, o tipo de estruturação sintática, os mecanismos morfológicos etc). A língua, então, só existe em uso e por isso está sujeita a variações de registro (culto/ coloquial e suas matizes), de modalidade (escrita/ oral), de dialeto (territorial, social, de idade, de sexo, de geração), pois qualquer manifestação linguística ocorre determinada pelo lugar social de seus interlocutores.

Não nos comunicamos, então, por meio de palavras isoladas, mas por meio de enunciados. Os enunciados refletem as condições sociais específicas de sua produção e as finalidades comunicativas de quem os profere e têm uma forma padrão de se estruturarem e circularem na sociedade. Cada esfera social de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, que se definem não só por seus

conteúdos temáticos, mas sobretudo por sua construção composicional: são os **gêneros do discurso**, que se materializam em **textos**.

Os conceitos de gêneros do discurso e gêneros textuais são bastante citados no contexto atual. Segundo Rojo (2005), há uma distinção entre pesquisas voltadas ao estudo dos gêneros do discurso e aquelas direcionadas à pesquisa sobre **gêneros textuais**. De acordo com a autora, a “[...] teoria dos gêneros do discurso – centra-se, sobretudo no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos em seus aspectos sócio-históricos [...] e teoria dos gêneros de textos – na descrição da materialidade textual” (ROJO, 2005, p. 185). Os gêneros são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social, que constituem concretamente um conjunto aberto e variado, em constante mutação, pois acompanham o fluxo de mudanças da sociedade e as necessidades de comunicação entre os indivíduos. Os gêneros ordenam e estabilizam as atividades comunicativas do cotidiano. É impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto – o produto concreto das atividades de interação linguística, definido por propriedades sócio-comunicativas. Quando dominamos um gênero, dominamos uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares através de textos (MARCUSCHI, 2003).

Rojo (2005, p.11) acredita que os gêneros do discurso apresentem três dimensões indissociáveis: os temas (conteúdos ideologicamente conformados), o estilo (traços da posição enunciativa do locutor) e a forma composicional (elementos das estruturas comunicativas compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero). Um gênero é marcado sempre por um propósito comunicativo e apresenta regularidades em sua forma estrutural que o distinguem de outro gênero. Além disso, um gênero precisa ser consolidado socialmente para que seja aceito como tal.

Em função dos avanços tecnológicos, muitos gêneros ainda estão em desenvolvimento e não se consolidaram. Há também a possibilidade do surgimento de vários outros. Ainda não temos o distanciamento temporal e histórico necessário para definirmos exatamente quais os gêneros digitais atuais. Em função disso, Marcuschi (2005) os define como gêneros textuais emergentes.

Para Ribeiro (2005, p. 134), “os gêneros de texto existem em consonância com seu suporte”:

A cultura escrita (necessariamente impressa) estabilizou gêneros como a carta, o conto, o bilhete, o anúncio classificado, a notícia de jornal, o editorial ou o artigo científico; a cultura escrita digital (mais do que digitalizada) reconfigurou certos gêneros e originou outros tantos, conhecidos hoje como o

e-mail, a conversa de chat, os gêneros postados em blogs e os textos produzidos para webjornais (COSCARRELI e RIBEIRO, 2005, p. 9).

Conforme será explicitado na próxima seção, durante a realização do projeto, os alunos produziram textos pertencentes a um mesmo gênero textual (gênero propaganda – cartaz) que se concretizaram em dois diferentes suportes: manuscrito (e/ou impresso) e digital. Desta forma, acreditamos que os alunos tiveram a oportunidade de refletir acerca das adaptações textuais necessárias durante a migração de um suporte para o outro.

A meta a ser atingida pelo ensino de língua materna, dessa forma, deve ser o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos na leitura e produção de textos, sejam eles impressos ou digitais, ou seja, sua capacidade de reconhecer e empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação.

### **Descrição da experiência**

As etapas do projeto iniciaram-se nas aulas de Língua Portuguesa e foram organizadas em sequências didáticas estruturadas em torno do gênero propaganda (cartaz). Dolz e Schneuwly definem a sequência didática como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 82). Afirmam que uma sequência didática tem a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe assim escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. Atividades de observação e análise de textos como referência para a reflexão sobre o gênero e sobre os recursos gramaticais utilizados são de grande importância nesse processo para conscientizar o aluno sobre os usos dos recursos da língua.

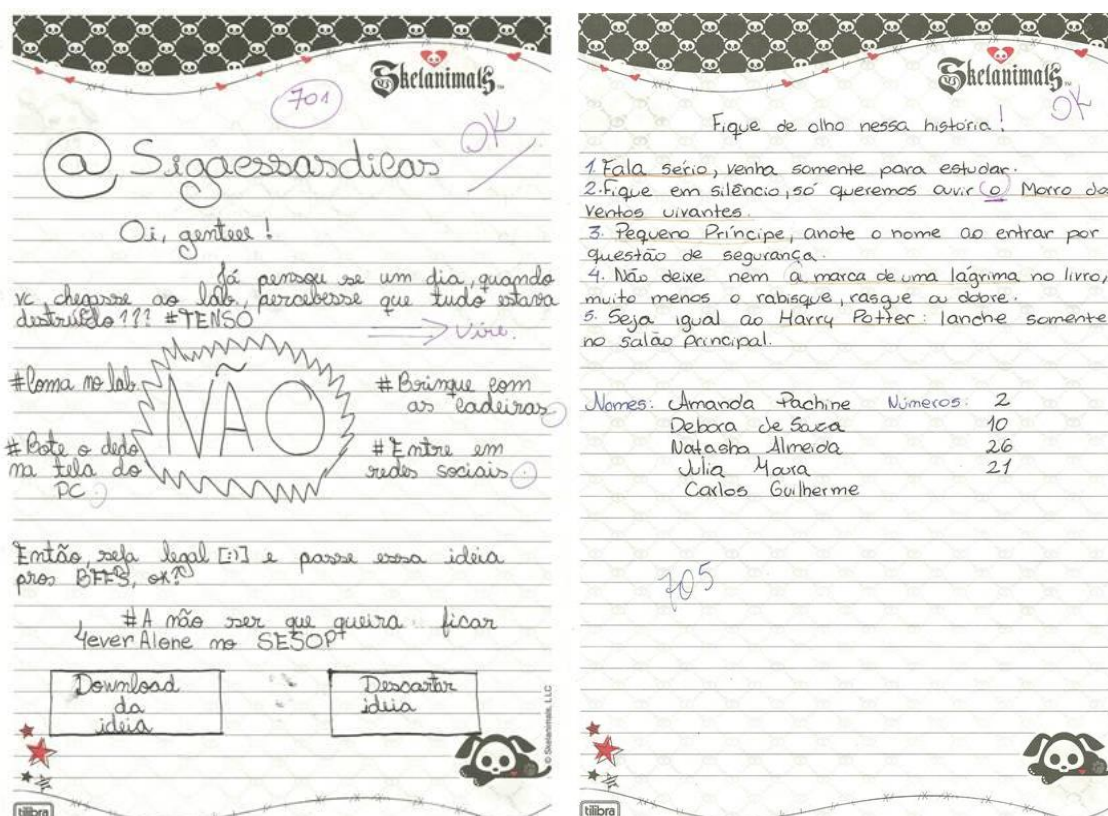
Em um primeiro momento, o foco foi concentrado justamente na leitura e análise de propagandas variadas, do tipo cartaz. Assim se organizaram as etapas da sequência didática: durante a **pré-leitura**, os alunos foram mobilizados a caracterizar o gênero propaganda de acordo com seu conhecimento prévio de mundo. Em seguida, incitou-se um debate acerca da influência da propaganda em suas vidas. Eles foram levados a observar a quantidade de marcas e logotipos ao redor deles em um espaço tão diminuto quanto a sala de aula. Algumas perguntas orientadoras para reflexão foram as seguintes: Vocês costumam comprar influenciados pela propaganda? A propaganda é

mesmo “a alma do negócio”? Toda campanha publicitária serve para vender um produto? Que campanhas estão em voga no momento?

Após a discussão, foi mostrada, em um projetor, uma série de propagandas recolhidas de revistas e da internet. Foi feita a **leitura** e análise conjunta desses textos levando-se em consideração a maneira como o público-alvo era construído (a partir de marcas gramaticais, gráficas, imagéticas), as estratégias de argumentação utilizadas e as ideias (além dos produtos) que estavam sendo anunciadas. No momento da **pós-leitura**, os alunos sistematizaram as características do gênero e foram levados a concluir que nenhuma propaganda é ideologicamente neutra. Reforçamos as diferenças entre a campanha “comercial” e a campanha “solidária” e encaminhamos a discussão para a necessidade de uma campanha solidária na escola, tendo em vista o estado em que as salas de aula se encontravam no fim dos turnos e as reclamações da bibliotecária de que os alunos não sabiam se comportar na biblioteca.

Em um segundo momento, foi feita a **análise linguístico-textual** das propagandas de modo mais sistemático, com foco no uso do modo verbal imperativo. Foram feitos exercícios estruturais e de uso segundo orientação de Travaglia (1996).

O terceiro momento foi dedicado à **produção escrita**. Os alunos foram divididos em grupos de quatro e cinco alunos para elaborarem um cartaz publicitário de uma campanha solidária pelo uso consciente dos espaços da escola. Cada grupo ficou responsável por uma dependência mediante sorteio (sala de aula, biblioteca, refeitório, laboratório de informática, banheiro feminino e banheiro masculino). Eles deveriam primeiro discutir as regras (quais existem, quais são cumpridas, quais não são e porque) e depois pensar no texto, adequando a linguagem e os recursos gráficos ao público-alvo (os demais alunos da escola). Era necessário fazer uso do imperativo.



Imagens 1 e 2 - Textos em versão manuscrita.

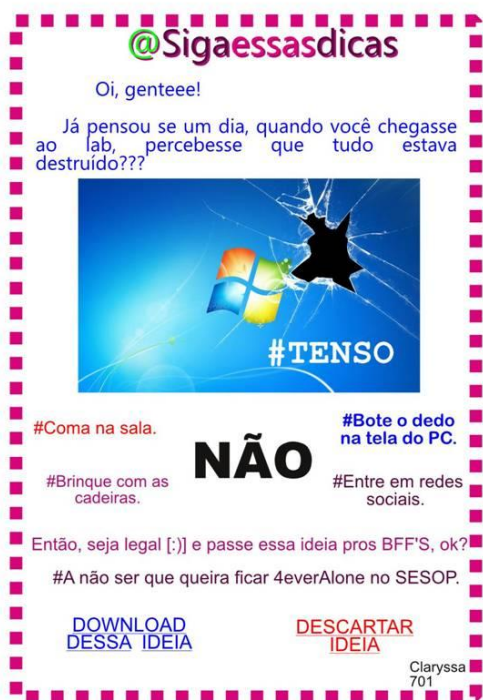
O texto do cartaz foi elaborado em sala de aula, com a mediação da professora de Língua Portuguesa. Eles foram estimulados a já pensar no projeto gráfico do cartaz. Os textos foram corrigidos e receberam orientações para serem reescritos e terem os eventuais problemas sanados. Depois de reescritos e revisados, cada aluno pôde, individualmente, na aula de Informática Educativa, elaborar o seu próprio cartaz, usando o texto que havia sido elaborado pelo grupo. Vale ressaltar que, na instituição de ensino onde o projeto foi realizado, os alunos do 6º e 7º ano têm dois tempos semanais de Informática Educativa inseridos na grade curricular. Dessa forma, a versão digital dos cartazes foi feita sob a supervisão e orientação dos professores de Informática Educativa e não mais sob o acompanhamento das professoras de Língua Portuguesa.

Para a elaboração dos cartazes foi utilizado o editor de publicação de código aberto **Scrībus**<sup>2</sup>. Como o programa não é muito conhecido pelo usuário comum, foram necessárias etapas de ambientação dos alunos ao programa que antecederam a produção dos cartazes propriamente dita e aconteceram de forma concomitante com as etapas finais realizadas durante as aulas de Língua Portuguesa. Durante essas etapas, os alunos

<sup>2</sup> Mais informações em: <http://wiki.softwarelivre.org/Scrībus>.

receberam orientações acerca do funcionamento<sup>3</sup> do programa e puderam explorá-lo livremente. Experiências com o uso de ferramentas tecnológicas por alunos do Ensino Fundamental mostram que, quanto mais as ferramentas se tornam “transparentes”, mais facilmente se dá a construção do conhecimento; i.e., é aconselhável que os alunos primeiramente conheçam as ferramentas para depois iniciarem o processo de produção do conhecimento a partir de seu uso. Dessa forma, a tecnologia deixa de ser um obstáculo e passa a ser um aliado no processo de ensino-aprendizagem.

Como cada laboratório de informática da unidade dispõe de 30 computadores, cada aluno pôde produzir seu próprio cartaz em versão digital, aliando ao texto produzido de forma colaborativa pelo seu grupo, uma solução individual de **design** gráfico.



**Imagens 3 e 4 - Textos em versão digital.**

Os cartazes em formato digital foram inicialmente disponibilizados no site do laboratório de Informática Educativa da Unidade<sup>4</sup>. Posteriormente, por um sistema de votação digital, toda a turma votou naqueles cartazes que consideraram conter a melhor solução gráfica para o texto elaborado. Esses cartazes foram, então, impressos e afixados nas dependências da escola.

<sup>3</sup> Mais informações em: <http://www.cp2.g12.br/blog/labre2/programas-e-tutoriais/scribus/>.

<sup>4</sup> Mais informações em: <http://www.cp2.g12.br/blog/labre2/trabalhos-7%C2%BA-ano/2011-2/projeto-propaganda/>.



## **Avaliação dos resultados**

A análise dos textos produzidos e a observação do comportamento dos alunos durante as aulas indicam que o trabalho com gêneros discursivos aliado às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) pode potencializar o processo educativo.

Constatou-se que a organização dos aprendizes em pares e/ou grupos promove uma maior interação entre eles, contribuindo para uma melhor aprendizagem.

## **Considerações finais**

De maneira geral, o engajamento dos alunos nas atividades foi bastante satisfatório. Pudemos perceber que, quando envolvidos em tarefas significativas de escrita, ou seja, quando sabem que serão lidos e que seus textos cumprem uma função comunicativa real, seu interesse e disponibilidade para o aprendizado aumentam. Isso pode ser verificado nos próprios textos resultantes do projeto e no comportamento de alguns alunos, que passaram a zelar mais pelo espaço escolar e a cobrar o mesmo comportamento dos colegas.

## **Referências bibliográficas**

COSCARELLI, C. V. e RIBEIRO, A. E. (orgs.) *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

DOLZ, Joaquim & SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A. e XAVIER, A. C. S. (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

\_\_\_\_\_. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: DIONÍSIO, Angela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *O livro didático de Português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

ROJO, Roxane. *Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas*. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial. 2005. p. 184-207.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.

---

<sup>i</sup> Uma primeira versão deste trabalho foi publicada na **Revista Práticas de Linguagem**, conforme referências abaixo:

LIMA, Simone da Costa; SOUZA, Raquel Cristina de Souza e. Projeto Propaganda: o uso do *software Scribus* para a criação de cartazes. *Revista Práticas de Linguagem*, v. 02, p. 06-17, 2012. Disponível em: <http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2013/01/6-17-Projeto-Propaganda2.pdf>. Acesso em 11 ago 2016.